

LOM, LOM de base, LOM cahun corps et nan-na Kun

Henri Kaufmann

A pesar dos desencontros provocados pelas diferenças entre os idiomas, deixemos essa sentença em francês. Deixá-la como está, em sua edição original, é uma oportunidade, pois ela ecoa os caminhos que queremos percorrer em nossa 25ª Jornada da Seção Minas Gerais da EBP, Acontecimento de Corpo: da contingência à escrita.

Na leitura desse pequeno fragmento, presente no escrito “Joyce, o Sintoma”¹, podemos experimentar certo estranhamento. Este se dá pois, ali, explicita-se o esforço de Lacan em seu último ensino, o qual pretendemos que norteie nossos trabalhos.

Há um movimento em busca de um sentido no real² que escape da profusão imaginária e infinita da articulação significante que até então operava na psicanálise. Curiosamente, a questão fundamental nessa orientação toca a especificidade da relação que o humano tem com o corpo. Se, para o animal, podemos cogitar que um indivíduo é aquele que é um corpo, no humano, afetado que é pela linguagem, nos encontramos diante de uma disjunção estrutural entre o ser e o corpo, sendo que, este último, o homem apenas o tem.

Tal divisão, delineada pela construção cartesiana, marca, em suas origens, a psicanálise. Contudo, a separação estabelecida por Descartes entre corpo e saber, conforme nos lembra Miller³, deixa o corpo apenas como extensão, deslocado da relação ao saber.

Num trabalho distinto da lógica cartesiana, essa divisão mobiliza as primeiras elaborações de Lacan, tais como o sujeito na sua articulação significante como falta-a-ser e a função do outro especular, denotada particularmente no Estádio do Espelho, assim como a possibilidade de constituir um Eu a partir da representação. Restaria ao humano tentar ser com o que tem.

Podemos localizar, no *Seminário II*⁴, o trabalho nessa direção, quando ele demarca a especificidade humana ao afirmar que, para nós, não há co-nascimento, como acontece com os filhos diretos da natureza. Se, por efeito da linguagem sobre o corpo, nos vimos por nossa condição dele separados, seu ensino se envereda em seu início exatamente pela articulação desse

¹ LACAN, J. “Joyce, o sintoma” In.: *Outros escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (2003) p.560-566.

² LACAN, J. “O sentido do sintoma é o real”. *A terceira* (1974). *Opção lacaniana: Rev. Bras. Int. de Psicanálise*, n. 62, São Paulo: EBP, 2011, p.11.

³ MILLER, J-A. “Ler um sintoma”. In.: *Lacan XXI*. 2016. Disponível em <http://www.lacan21.com/sitio/2016/04/16/ler-um-sintoma/?lang=pt-br> Acesso em mar. 2021.

⁴ LACAN, J. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954/1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 280.

corpo com o saber. Sendo assim, o corpo é afetado pelos efeitos de sentido, pelo imaginário do narcisismo, pelas formações do inconsciente.

Nesse primeiro momento, o Inconsciente de Lacan é ético e, portanto, não é da ordem do real⁵. É um vir a ser que está em jogo, logo, uma suposição.

Em consequência dessa disjunção que nos constitui, a elaboração lacaniana, desde seus primórdios, sustenta a presença de uma hiância, assim como a afirmação de que é exatamente essa hiância o lugar da psicanálise. Nesse topos, que já indicava o que viria posteriormente com a formalização do objeto a, cabe ao analista se fazer valer com sua presença. De tal maneira que, se o analista, desde então, já é tomado como parte do inconsciente, ele o é como suposto saber, saber de um devir, correspondente estrutural da falta-a-ser do sujeito. O Sujeito Suposto Saber é a ilusão do que já estaria desde sempre escrito.

Quando retomamos a frase presente no texto "Joyce, o Sintoma", agora em português, deparamo-nos com os esforços dos tradutores em não somente traduzir algo do sentido da frase de Lacan, mas também algo da trama de palavras, fora do sentido, numa escrita que, deslocada de seu contexto, se mostra assemântica. Pois, na verdade, nesse escrito de inspiração Joyceana, naquilo que Lacan escreve, aí sim, num singular "lacanês", precipita-se a materialidade das palavras e suas ressonâncias. "UOM, UOM de base, kitemum corpo e só-só Teium"⁶. Conseguimos acompanhar o sentido, mas não há tradução para a dimensão sonora da frase. Ela ressoa um sentido que, numa primeira leitura, aparentemente não quer dizer nada.

O último ensino de Lacan revela certa inversão de paradigma. No *Seminário XX*⁷, em poucas palavras, desmonta-se a estrutura que era sustentada até então. Essa história de inconsciente estruturado como linguagem é linguisteria, lembrando que a histérica faz sintoma a partir do sintoma do outro e que o inconsciente é um saber fazer com o encontro contingente da língua e o corpo, a saber, com *lalangue*⁸. A linguagem seria, assim, uma elucubração de saber sobre *lalangue*.

Desse modo, desloca-se a noção de inconsciente da articulação de saber para um saber fazer que toca fundamentalmente a ideia de corpo e sua satisfação. O corpo passa a ser tomado mais além do sentido, ou da representação. Lacan trabalha então com um estatuto real da língua, não mais articulada ao saber, mas que afeta o corpo e que, ao afetá-lo, produz um acontecimento, um acontecimento de corpo.

A princípio, um corpo é pensado como o que goza de si mesmo⁹. Para LOM, utilizemos a literalidade de Lacan: esse corpo que ele tem, e não mais que um, sofre a incidência da palavra, sendo um sintoma o que testemunha

⁵ MILLER, J-A. *op.cit.*

⁶ LACAN, J. "Joyce o sintoma". *Op.cit.* p. 561.

⁷ LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda (1972/1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 1985. p. 190.

⁸ Optamos por manter o conceito *lalangue* em sua escrita francesa.

⁹ MILLER, J-A. *op.cit.*

um acontecimento que marcou seu gozo, no sentido freudiano de *Anzeichen*, e que introduz um *Ersatz*¹⁰, um gozo que não faria falta, um gozo que transtorna o gozo que faria falta, quer dizer, o gozo de sua natureza de corpo (...) é precisamente esta incidência significativa o que faz do gozo do sintoma, um acontecimento, não apenas um fenômeno. O gozo do sintoma testemunha que houve um acontecimento, um acontecimento de corpo depois do qual, o gozo natural, entre aspas, que podemos imaginar como o gozo natural do corpo vivo, transtornou-se e se desviou. Este gozo não é primário, mas é primeiro em relação ao sentido que o sujeito lhe dá e que lhe dá por seu sintoma enquanto interpretável¹¹.

Ao comentar o ultimíssimo Lacan, Miller discorre sobre a mudança de rumos por ele efetuada deslocando-se da noção de simbólico e, portanto, do sentido, na medida em que este se articula na cadeia significativa para valorizar o que seria da materialidade da palavra. Tal *moterialité* pode, a princípio, parecer estranha, pois, ao afastar o sentido, Lacan parece aproximar o real da psicanálise do real da ciência ao nos apresentar algo que retorna sempre ao mesmo lugar, um contraponto à contingência com a qual lidamos em nossa prática. Essa aparência se desfaz na medida em que o que está em jogo nesse “mesmo”, designado por Lacan como *lalangue*, incide sobre Um corpo. Essa incidência produz ressonâncias, acontecimentos contingentes de corpo. Passamos, assim, do sujeito enquanto articulação da cadeia significativa e com o qual operamos no campo semântico aberto ao infinito, ao Um do gozo que se apresenta em um corpo, um corpo que se tem e que é sempre Outro, e que nos interessa tocá-lo na singularidade desse gozo. Ficam separadas as noções de corpo entendido como corpo-Um do indivíduo, uma representação com a qual este se identifica imaginariamente e o corpo como superfície de inscrição de gozo. Passamos, assim, do sujeito ao *falasser*, ao *parlêtre*.

Entra em cena o que Lacan ressalta como a dimensão autística do gozo do sintoma, na medida em que este se fecha sobre si mesmo e somente se liga ao corpo por um acontecimento. Esse acontecimento, é preciso arejá-lo.

O sintoma... é um acontecimento de corpo ligado ao que: *l'on l'a, l'on l'a de l'air, l'on l'aire, de l'on l'a.*¹²

A linguagem, assim, está mais próxima da poética, na qual, mais que a informação, interessamos a ressonância.

¹⁰ Miller aqui retoma a discussão de Freud em “Inibição, Sintoma e Angústia”, particularmente no capítulo II, no qual ele nos fala do sintoma como um substituto de um acontecimento anterior que teria deixado seus sinais.

¹¹ MILLER, J-A. *op.cit.*

¹² Para a experiência da sonoridade, experimentem ler em voz alta.

Isso traz consequências para o analista e seu ato. No seminário sobre a lógica do fantasma, Lacan nos apresenta uma nova versão para a associação livre: o discurso livre. Ressalta-se essa mudança exatamente como demarcação de um outro lugar para a interpretação, não mais na infinitização do sentido e das associações. O discurso livre tem como função criar um lugar para a verdade, um furo, sendo aqui que a interpretação acontece, pois o analista ocupa esse lugar da verdade, o que dá um outro estatuto ao Sujeito Suposto Saber¹³.

O analista, como já vimos, faz parte do inconsciente. Ele se constitui naquilo a que este se dirige. Contudo, na medida em que a linguagem não é informação, mas ressonância, cabe ao analista favorecer, pela contingência de sua presença, a matéria que nasce entre o sentido e o som, deixando a descoberto o “materialismo”, pois este, em seu centro, conserva o vazio.

Isso leva Lacan a pensar a interpretação, a partir da leitura, como um híbrido entre o significante e a letra. Dessa forma, a interpretação se acopla à noção de sintoma como acontecimento de corpo, pois a interpretação se faz um acontecimento de dizer. Enquanto jaculação, entre a expressão oral e o escrito, pode ser tomada como uma realização subjetiva de um vazio¹⁴. Ressalte-se que a jaculação é uma presença vocal, e a produção do vazio se dá pela separação que ela produz entre significante e significado.

É preciso interromper essa pura reiteração de gozo, esse monólogo autista que leva Lacan a perguntar se a psicanálise não seria um autismo a dois. O encontro com o impossível, o que aqui podemos assinalar como o encontro com a não relação sexual, interrompe esse fluxo interminável do gozo, e é aí que algo, a partir da letra, se escreve.

A letra não diz nada, não quer dizer nada. Ela apenas é. Ela é um modo distinto do funcionamento do S1, pois localiza o gozo que reitera a partir do impacto de *lalangue* no corpo. Podemos tomar *lalangue* como o início do gozo como um enxame de S1, enquanto a letra é sua marca, o recorte de um S1 sintomático e que se escreve de maneira selvagem.

O acontecimento é “tudo o que chega”, o que revela sua presença contingente, o sintoma é como acontecimento de corpo à afetação desse corpo, o que resulta num gozo opaco ao sentido e que reitera. A letra, por sua vez, se inscreve como sintoma, assinalando esse indizível, fazendo borda ao furo do saber.

As mudanças presentes em seu último ensino convocam Lacan a reformular os termos com os quais operava. Inconsciente, transferência e interpretação dão lugar a *parlêtre*, ato e jaculação¹⁵. Tais mudanças demarcam novidades na leitura do trajeto de uma experiência analítica.

Essas torções e diferenças iluminam o caminho que buscaremos percorrer em nossas XXV jornadas: “O acontecimento de corpo: entre contingência e escrita”, entre aquilo que afeta um corpo e aquilo que se faz uma marca capaz de ser lida.

¹³ LACAN, J. *Seminário XIV: a lógica do fantasma*, lição de 21/06/1967. Inédito.

¹⁴ LAURENT, É. “L’interprétation: de la vérité à l’événement” In: *Le texte d’orientation*. (2019) Disponível em <https://www.nlscongress2020.com/nlscongrs/le-texte-dorientation> > Acesso em mar. 2021.

¹⁵ *Ibid.*

EIXOS DA 25ª JORNADA DA EBP SEÇÃO MINAS GERAIS

Fazer-se um corpo

Se, num primeiro momento, Lacan articula o corpo à dimensão imaginária presente na relação especular apresentada a partir de seu escrito sobre o Estádio do Espelho, ele vai, gradativamente, esvaziando o papel que essa representação terá na construção de um corpo.

Desde seus trabalhos sobre a psicose, já se mostrava o corpo despedaçado pela incidência da linguagem.

Em seu último ensino, encontramos uma generalização dessa afirmação: UOM tem um corpo e é só o que tem. Esse corpo que se faz por seus acontecimentos, por sua afetação pelo gozo de *lalangue*.

A fragmentação do corpo deixa de ser uma exclusividade da psicose, sendo os traços de gozo o que determinam a experiência de um corpo.

Nosso mundo está repleto de situações que nos convocam a pensar como dar consistência a um corpo — as drogas, as manipulações estéticas ou cirúrgicas, a *body art*, os esportes radicais, as técnicas cirúrgicas e hormonais para transformação de gênero, a medicalização disseminada.

Se o Outro é o corpo, como articular a partir do sintoma uma relação com um corpo que é sempre marcada por um estranhamento?

Como se apresenta, em nossa prática, essa distinção entre o corpo como superfície de inscrição de gozo e o *corpo-Um* do indivíduo?

O que o autismo nos ensina sobre o corpo? E as psicoses?

Como fazer-se um corpo a partir de *lalangue*?

O que diferencia um fenômeno de corpo de um acontecimento de corpo?

Transferência e corpo do analista

Se a transferência é tratada inicialmente a partir da dissimetria entre o sujeito e o Outro, Sujeito Suposto Saber, vemos a torção produzida com a afirmação de que o fazer analítico opera em razão da urgência de satisfação dos pacientes.

Lacan sempre acentuou a importância da presença do analista, mas, ao mesmo tempo, não se trata aqui de uma presença do que poderíamos pensar como a “pessoa do psicanalista”. Lembremos a sentença “não basta ser Tirésias, é preciso ter mamas”¹⁶.

O que é, afinal, o corpo do analista?

A transferência implica um acontecimento de corpo?

Se o analista faz parte do *falasser*, como sustentar a contingência da presença como um acontecimento que capture o circuito pulsional do *falasser*? Como manter esse lugar que desloca

¹⁶ LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008/1985. p.261.

o gozo do sentido na direção do furo?

Se a relação com o Um do gozo levanta a pergunta sobre o monólogo autista, como opera o analista para então fazer esse par¹⁷, que pode frear a produção infinita de sentido?

O analista como tropeço, como furo ou como trauma?

Interpretação no tempo do Falasser

Se temos, no início do ensino de Lacan, a referência ao Mestre Zen, podemos inferir que a dimensão real, fora do sentido da interpretação, já se apresentava desde então. No último ensino nos deparamos com a importância do equívoco, daquilo que faz vacilar o sentido e, sobretudo, com o destaque à função da interpretação como jaculação/vociferação.

A sessão analítica acontece com interpretações semânticas e asemânticas transitando entre a interpretação que produz sentido e aquela que visa a um vazio fundamental, uma falta primeira do objeto perdido, “um memorial de traços de gozo deixado pelo objeto perdido inicial, pela impossibilidade de repetir de maneira idêntica o encontro contingente com o gozo¹⁸.”

No campo do sentido, a interpretação é infinita, prendendo-se ao fio da cadeia significante e ao ideal, sendo o encontro com o vazio uma ruptura.

Laurent¹⁹, por sua vez, nos diz que o analista deve seguir o analisando em direção a um fazer verdadeiro a partir de sua fala, no que ela carrega da incidência do Um do gozo.

Estaríamos aí diante da convocação de que o analista fale a língua do corpo?

Como operar nessa dupla face da interpretação?

Da escuta do sentido à leitura do fora do sentido, como fazer valer o impossível?

O que os casos nos ensinam sobre a interpretação como acontecimento de dizer?

Sexo como acontecimento

Partindo da ideia de que o Um do gozo é o que reitera a partir do acontecimento de corpo, podemos inferir que o tratamento desse corpo afetado pela incidência de *lalangue* que opera com um saber fazer com *lalangue* nos afasta da noção do sexo tomado a partir do ter ou não ter freudiano, ou da dialética do ser e do ter explorada por Lacan em seu primeiro ensino.

A opacidade do gozo se mostra como intratável, e o gozo do Um não se reduz ao simbólico. Temos a distinção entre o que se escreve e o que não se escreve. A princípio, poderíamos dizer que o gozo não tem sexo. O mito da lamela, aproximação lacaniana da libido freudiana, trata de um órgão além do corpo, um campo de forças que expressa no real um gozo que é distinto do gozo fálico.

¹⁷ LACAN, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” (1976). In.: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (2003).

¹⁸ LAURENT, É. *Op.cit.*

¹⁹ LAURENT, É. “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência” (2018). Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2018/04/disrupcao-do-gozo-nas-loucuras-sob.html> > Acesso em: mar. 2021.

O que aprendemos em nossa prática sobre os efeitos do significante no corpo, sua afetação e a escolha do sexo?

Como o sexo chega ao *falasser*?

De que modo articulamos a libido e o falo?

O que a clínica nos ensina acerca da função do falo enquanto um verificador do real?

Se o sexo é sempre Outro, *Héteros*, sua experiência é sempre traumática?

O que faz sintoma para um corpo: a nova escrita do sintoma

O último ensino de Lacan nos permite vislumbrar como o encontro de Freud com as histéricas se deu na medida em que elas se identificam com o sintoma do outro. Isso, de certa forma, nos esclarece o caminho da psicanálise a partir deste encontro: o sintoma e seu laço com o Outro.

Como pensar então nossa prática a partir da reiteração do Um?

O acontecimento de corpo seria da ordem de um trauma? O que os distingue?

O sintoma é, na concepção freudiana, fundamentalmente ligado ao sentido e transforma-se em *sinthoma* fora-de-sentido. Da língua do pai à *lalangue*, o que há de novo nas neuroses hoje?

Como *lalangue* do corpo, enquanto sintoma do Um-sozinho e que não se comunica, pode passar ao estatuto de sintoma articulado ao Outro? Ao Dois?

E os autistas, o que nos ensinam? O que as psicoses ordinárias e extraordinárias nos ensinam, com suas invenções, a cerca de uma nova escrita do sintoma?